



CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

Curso de Pedagogia

Aurilete Pereira da Cunha

Patrícia Cristiane de Oliveira Nascimento

Vera Lúcia Santos Oliveira

**O VÍNCULO AFETIVO NA ADAPTAÇÃO DA
CRIANÇA À CRECHE**

SÃO PAULO

2023

Aurilete Pereira da Cunha

Patrícia Cristiane de Oliveira Nascimento

Vera Lúcia Santos Oliveira

**O VÍNCULO AFETIVO NA ADAPTAÇÃO
DA CRIANÇA À CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo sob orientação da professora Camila Alba Cuadrado Proença.

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecas São Camilo

Cunha, Aurilete Pereira da

O vínculo afetivo na adaptação da criança à creche / Aurilete Pereira da Cunha, Patrícia Cristiane de Oliveira Nascimento, Vera Lúcia Santos Oliveira. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2023.

24 p.

Orientação de Camila Rezende Alba Cuadrado Proença.

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia
(Graduação), Centro Universitário São Camilo, 2023.

1. Adaptação 2. Afetividade 3. Comportamento de apego 4. Creches I. Nascimento, Patrícia Cristiane de Oliveira II. Oliveira, Vera Lúcia Santos III. Proença, Camila Rezende Alba Cuadrado IV. Centro Universitário São Camilo V. Título

CDD: 370.153

DEDICATÓRIA

Eu, Aurilete Pereira da Cunha, dedico este trabalho primeiramente a Deus por me fazer forte, ao meu esposo Daniel, e as minhas filhas Ágda, Amanda e Andressa pela força e incentivo que me deram durante o período do curso nos momentos que pensei em desistir. Também não poderia esquecer da minha amiga/irmã Vera Lúcia Santos Oliveira que no decorrer desse curso me deu muita coragem para que eu continuasse firme e pudesse realizar esse sonho que trago desde sempre, e por motivos outros só pude realizá-lo agora. Sem deixar de dedicar também aos professores do curso e, especialmente, a professora Camila Proença pela sua paciência em nos orientar no desenvolvimento deste Trabalho Acadêmico.

Eu, Patrícia Cristiane de Oliveira Nascimento, dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois creio que sem a permissão D'Ele nada é possível. A eu mesma por persistir, não desistir e sempre acreditar na minha capacidade. A minha mãe Dasija, meu esposo Marcelo e meus filhos, por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado em todos os momentos. Às minhas amigas Vera Lucia Santos Oliveira e Aurilete Pereira da Cunha por fazerem parte da minha vida e de dessa jornada e por formamos um trio excepcional. À professora e orientadora Camila Alba Cuadrado, pela dedicação, paciência, sabedoria nas orientações deste TCC. Sei que palavras não podem expressar a total gratidão que tenho por todos vocês! Obrigada!

Eu, Vera Oliveira, dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. À minha querida mãe, que sempre orou e lutou pelo meu pelo meu progresso profissional. Ao meu amado pai, que sempre me ensinou a persistir mesmo diante às dificuldades. Aos meus irmãos Vando e Valdeir por acreditarem em mim. Ao meu esposo Ricardo Oliveira por toda sua compreensão nas minhas horas de angústia e nervosismo. À minha chefe Cida, que sempre foi minha inspiração durante todo o curso. À minha querida amiga Áurea Cunha (Aurilete), por todo apoio e dedicação nas horas mais difíceis. À querida amiga Patrícia Cristiane de Oliveira por toda contribuição diante as dificuldades, pois graças à Deus e a elas, nosso grupo permaneceu unido desde o início, uma segurando a mão da outra, pra que ao final, pudéssemos comemorar juntas mais essa vitória. Gratidão a todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pois acreditamos na intervenção divina no processo do pensamento.

Agradecemos, em especial, à Professora e orientadora Camila Proença, pela paciência, sabedoria e dedicação nas orientações deste TCC. Temos convicção que palavras não podem expressar o quanto somos agradecidas.

Agradecemos aos nossos familiares por nos apoiar e nos compreender nos momentos de ausência, choro, medo e preocupação durante essa jornada, por serem pessoas maravilhosas, as quais Deus colocou em nossas vidas para nos dar força e carinho.

Agradecemos de todo o coração a todos os docentes da São Camilo que fizeram parte da nossa formação, por toda colaboração e conselhos acadêmicos que tanto enriqueceram nossa trajetória como estudantes de pedagogia desta tão conceituada instituição.

RESUMO

O presente trabalho destaca como tema central a relevância da afetividade como fator primordial na adaptação da criança à creche, já que é um aspecto de extrema importância na formação e no desenvolvimento da criança que irá refletir em sua vida adulta. Buscou correlacionar com fundamentações teóricas nos pressupostos de Vygotsky e Wallon, a eficácia do vínculo afetivo entre professor e aluno para o sucesso na adaptação. E, dentro desse tema, destacaram-se alguns tópicos: a relação professor e aluno e as variáveis que tornam o processo desafiador. Observaram-se também os recursos usados pelo professor para que a criança tenha um período de adaptação tranquila, como se dá o seu trabalho e sua contribuição a partir dos conhecimentos específicos adquiridos, para a construção de alternativas que ajudem nesse processo, dentro do contexto social e suas particularidades. A partir desse estudo, constatou-se, por meio de fontes bibliográficas consultadas, a fundamental importância desses vínculos no processo de adaptação da criança à creche.

Palavras-chave: Vínculo afetivo. Afetividade. Adaptação à creche.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. A EDUCAÇÃO INFANTIL	10
1.1. O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	10
1.2. CUIDAR E EDUCAR NA CRECHE	13
1.3. DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS NA CONCEPÇÃO INTERACIONISTA	14
1.3.1. Lev Vygotsky.....	14
1.3.2. Henri Wallon.....	15
2. O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NO COTIDIANO DA CRECHE.....	19
2.1. A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA.....	19
2.2. AS POSSÍVEIS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO.....	20
2.3. OS VÍNCULOS AFETIVOS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho se deu a partir de consultas bibliográficas, bem como, pesquisas e observações feitas durante os estágios de Educação Infantil. Diante disso, compreende-se a importância do vínculo afetivo durante o processo de adaptação da criança à creche.

Nota-se que foram necessários muitos anos para que fossem criadas leis com o objetivo de promover o acesso à Educação Infantil. Só após a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola para crianças de 0 a 6 anos de idade tornou-se dever do Estado. Após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a Educação Infantil passa a integrar a Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Após a legislação, outros documentos norteadores e diretrizes foram criados para direcionar a Educação Infantil e o desenvolvimento integral das crianças como o (RCNEI) Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As creches nunca substituíram as famílias e nem chegavam a escolarizar as crianças; as creches têm a responsabilidade do cuidar e do educar. A instituição exerce um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da criança em todos os aspectos: físicos, cognitivos, emocionais, em especial o aspecto afetivo, através de atividades diversificadas que levam à aprendizagem por meio das interações.

A Educação Infantil surgiu como direito da mãe, em conformidade com a política assistencialista, possibilitando que as mães tivessem um lugar seguro para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Desse modo, não se pode dissociar o reconhecimento dos direitos da criança com a história da Educação Infantil.

Segundo os autores Vygotsky e Wallon, o convívio entre as crianças no processo de aprendizagem é fundamental para seu desenvolvimento e para a aquisição de sua autonomia, participando nas escolhas das brincadeiras e atividades cotidianas. Expressando suas ideias, dúvidas e descobertas, possibilitando a construção da sua identidade pessoal, social e cultural. (LA TAILLE 1992).

Ao sair do espaço familiar e entrar no espaço escolar, existe um momento de adaptação e, nesse processo, ocorre o estabelecimento do vínculo da criança com os adultos, com as outras crianças e com o espaço.

O tema principal deste trabalho se refere ao vínculo de carinho que o professor

constrói a partir do convívio com as crianças, demonstrando que o carinho, o afeto, e o cuidado, pois são formas de expressar o quanto elas são importantes, e ensinando que através do acolhimento as crianças vão adquirindo confiança no ambiente escolar, dessa forma, fortalecendo o vínculo de confiabilidade. A criança precisa saber que está sempre bem amparada e protegida por todos que fazem parte do seu cotidiano no cuidar e educar.

Diante do exposto, esse trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, com pesquisa em artigos e livros sobre o tema, e tem por objetivo apontar a importância do vínculo afetivo para a promoção da adaptação, acarretando resultados positivos tanto para o professor quanto para a criança, destacando a afetividade como sendo essencial nas relações humanas, entendida aqui como um fator indispensável no processo de adaptação da criança na Educação Infantil.

Vale salientar que, as variáveis que interferem nesse processo como, separação dos pais, brinquedos quebrados, animal de estimação desaparecido, insegurança dos pais ao deixarem seu filho na creche e também a relação afetiva entre professor e aluno. Além do trabalho do profissional envolvido como mediador que desenvolverá situações para promover o sucesso na adaptação da criança de forma tranquila e harmoniosa.

1. A EDUCAÇÃO INFANTIL

São recentes os avanços dados em caráter pedagógico para a Educação Infantil no Brasil. Segundo Oliveira (2005), as primeiras instituições de ensino infantil surgiram inicialmente no ano 1908 em Belo Horizonte, e posteriormente em 1909 no Rio de Janeiro.

Nas décadas de 20 e 30 vieram novas escolas de Educação Infantil, com uma proposta assistencialista, com o objetivo apenas de cuidar das crianças pequenas para que suas mães pudessem trabalhar, pois até este momento a educação era de responsabilidade somente da família, girando em torno principalmente da figura materna.

Assim, procura-se caracterizar as crianças da Educação Infantil, quem são elas, como são vistas, como se dá seu desenvolvimento na concepção de alguns autores, quais suas peculiaridades.

A Educação Infantil nem sempre foi da forma que conhecemos hoje, e as mudanças ocorridas são bem recentes. No passado, as creches eram de caráter apenas assistencialista, já que naquela época, ainda não se pensava na creche como um ambiente para educar e cuidar.

1.1. O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Para Oliveira (2007), a educação no Brasil não poderia deixar de acompanhar a história em vários aspectos, no que diz respeito à área do ensino infantil, claro que observando as características próprias do nosso país. Sabe-se que até meados do século XIX, as crianças não tinham um atendimento adequado em instituições, pois, nesta época, creches e pré-escolas praticamente não existiam.

No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas dos expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII. (OLIVEIRA,2005, p.91)

Somente com o período da abolição essa situação começa a ser revertida, a partir da migração para a zona urbana onde surgem maneiras para certo desenvolvimento cultural e tecnológico. (OLIVEIRA, 2007).

Segundo a autora, com a revolução industrial surgem as primeiras creches e as pré-escolas, devido ao fato de muitas mães precisarem trabalhar fora formando uma nova estrutura familiar. Nessa época, muitos teóricos estavam com interesses em descrever a criança como boas ou más, acreditavam que as educandas e educandos poderiam protegê-las de influências negativas do meio onde viviam, preservando assim sua inocência.

[...] no surgimento das creches e pré-escolas conviveram argumentos que davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades, com outros objetivos do tipo corretivo, disciplinar, que viam principalmente nas crianças uma ameaça ao progresso e à ordem social. (BUJES, 2001, p.15)

Destaca ainda Oliveira (2007) que, por trás de todas essas teorias, existia o aspecto social, o que essas crianças viriam a se tornar quando adultas (isso no caso da burguesia) e as crianças pobres como sujeitos úteis a essa burguesia, que definia quase tudo no meio social. Por se tratar de um momento histórico, muitos especialistas começam a ver a infância com outros olhos, promovendo cuidados especiais e organização da rotina e dos espaços criados especialmente para educar as crianças.

Segundo as teorias socio interacionistas de Vygotsky e Wallon:

[...] concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. (FELIPE, 2001, p. 27)

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, quando se fala de Educação Infantil sempre se pensa em dois processos fundamentais: educar e cuidar. Pois nesta etapa as crianças começam a compreender o mundo ao seu redor por meio das experiências vividas com pessoas do seu convívio, oferecendo atividades voltadas para esse fim, de forma simultânea, envolvendo a higiene, o sono, alimentação, que são os cuidados considerados primários. (BRASIL, 1998)

Com a participação intensa da mulher no mercado de trabalho e as experiências sobre a importância da Educação Infantil desde os primeiros anos de vida da criança, o RCNEI (Brasil, 1998) vem nortear esta educação, abrangendo crianças de zero a seis anos, com reconhecimento na Constituição Federal de 1988, passando a ser a Educação Infantil em creches e pré-escolas um dever do Estado e

um direito da criança, sendo reafirmadas essas mudanças na LDB nº 9394 promulgada em dezembro de 1996.

A LDB (BRASIL, 1996) ressalta ainda que a creche faz parte da Educação Infantil que consiste na educação das crianças antes de sua entrada no ensino obrigatório. É um estabelecimento educativo que conta com apoio pedagógico e cuidados a crianças com idade inferior a três anos. Elas podem ter funcionamento em instituições autônomas, podem integrar-se a outras instituições educativas mais abrangentes ou funcionar dentro das empresas. Podem ser particulares ou públicas, mas que tenham um mesmo objetivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é mais um documento que orienta toda a educação básica e é obrigatório para todas as escolas públicas e privadas de todo o país.

Para a efetiva implementação da BNCC, os especialistas em educação devem estar preparados com suportes didáticos, pedagógicos e metodológicos capazes de funcionar de acordo com os pressupostos estabelecidos na BNCC. Para isso, temos como parte integrante do Guia de Implementação da BNCC (2018).

Segundo Oliveira (2007) a creche, tinha uma visão assistencialista e surgiu como direito da mãe, em conformidade com a política assistencialista, possibilitando que as mães tivessem um lugar seguro e acolhedor para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Desse modo, não se pode dissociar o reconhecimento dos direitos da criança com a história da Educação Infantil.

A autora ressalta que, no ano de 1922, foram discutidos, no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância no Rio de Janeiro, temas que levaram à regularização para atender ao público infantil e exaltando a função da mulher como cuidadora.

Em 1923, a primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher previa a instalação de creches e salas de amamentação próximas do ambiente de trabalho e que estabelecimentos comerciais e industriais deveriam facilitar a amamentação durante as jornadas das empregadas. (OLIVEIRA, 2007, p.97)

Os cuidados na creche vão muito além do que somente atender às necessidades físicas, proporcionam também subsídios que garantem a segurança física e psicológica das crianças, reforça a autora. Dessa forma, a criança se sente acolhida e percebe que há uma preocupação na sua formação em todos os aspectos.

Por tanto vale afirmar que as crianças são indivíduos portadores de direitos que estão garantidos em lei e que a creche e a pré-escola fazem parte desses direitos adquiridos.

1.2. CUIDAR E EDUCAR NA CRECHE

Este tópico tem como abordagem conceituar a creche e a pré-escola seguindo as categorias analíticas de alguns autores.

Para Oliveira (2007, p.38):

Creches e pré-escolas não devem nem substituir a família nem antecipar práticas tradicionais de escolarização. Apesar de reconhecermos que, quando mantidas pelo poder público, elas são responsáveis por fornecer alimentação e estimulação especial para populações infantis em situação de desigualdade de recursos, [...]

Atualmente, as creches não substituem as famílias nem escolarizam as crianças; hoje elas têm a responsabilidade de cuidar e educar. De acordo com o RCNEI (Brasil, 1998) o desenvolvimento integral do ser humano depende dos cuidados tanto afetivos como dos cuidados biológicos.

A base do homem é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica procedimentos específicos. (BRASIL, 1998, p. 24)

O RCNEI (Brasil, 1998) esclarece ainda que as necessidades da criança, para que possam ser atendidas dependem da identificação feita pelo adulto. O choro, por exemplo, pode significar alguma necessidade da criança, sendo a forma que ela tem para se comunicar e a resposta a isso vai depender da interpretação que o adulto fará desse choro. Logo, “[...] o cuidado precisa considerar principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo.” (p. 25).

Neste contexto, compreende-se que é preciso ter um olhar sensível às necessidades da criança, para que não passem despercebidas e, portanto, é indispensável a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

Quanto a isto, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 25) descreve que:

[...] cuidar da criança é sobretudo, dar atenção a ela como pessoa que está em contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo as suas necessidades; isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando a ampliação destes conhecimentos e suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma.

Portanto, entende-se que cabe aos futuros pedagogos oferecer subsídios para que as crianças possam ser atendidas em suas singularidades, acompanhando tanto suas práticas quanto suas aprendizagens, observando a trajetória e os avanços individual e coletivo.

Educador significa, portanto, propiciar situação ou cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade cultural e social. (BRASIL, 1998, p. 23)

1.3. DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS NA CONCEPÇÃO INTERACIONISTA

Pontuaremos de forma breve, o que os autores Vygotsky e Wallon, expõe sobre a forma do desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos, para que possamos compreender como integrar esses estudos à prática no trabalho a ser desenvolvido com esse público.

1.3.1. Lev Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky foi um teórico multidisciplinar, nascido na Bielorrússia, em 1896. Suas teorias são fundamentadas no pensamento que o desenvolvimento humano ocorre em função das interações sociais e com o meio em que se vive.

Segundo Oliveira (1992)

Uma ideia central para compreensão das concepções de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a ideia de mediação. Enquanto sujeito de conhecimento o homem não tem acesso aos objetos, mas um acesso mediado, isto é, feito através dos recortes do real operários pelos sistemas simbólicos de que dispõe. (apud LA TAILLE., 1992, p. 26)

Para Vygotsky (2009), a aprendizagem também é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas. O processo de ensino-aprendizagem que ocorre na escola propicia o acesso dos membros imaturos da cultura letrada ao conhecimento construído e acumulado pela ciência e a procedimentos metacognitivos.

Para entender melhor a posição a qual o autor soviético se refere, faz-se necessário recordar três de seus conceitos básicos destacados por Oliveira (2009) em relação às questões educativas:

- **Nível de desenvolvimento real** – nesse nível, a criança faz cada tarefa sua sem a ajuda do outro.
- **Nível de desenvolvimento potencial** – aqui a criança faz suas tarefas recebendo ajuda apropriada de um adulto ou de outra criança mais experiente.
- **Zona de desenvolvimento proximal** – é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ao nível de desenvolvimento potencial. Neste nível, a situação do ambiente criado por um adulto ou por outra criança facilita a descoberta, a aprendizagem e como consequência o desenvolvimento cognitivo da criança.

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p. 97 apud OLIVEIRA, 2009, p. 62) acha que não tem relação.

Sendo assim, as concepções de Vygotsky fundamentam a visão atual de considerar que o desenvolvimento e a aprendizagem são dois processos que andam juntos e independem de um meio escolar para acontecer.

1.3.2. Henri Wallon

Henri Paul Hyacinthe Wallon, Nasceu na França (1879- 1962), além de filósofo foi um psicólogo e médico. Ficou conhecido através de seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento. A sua atuação como médico e psiquiatra fortaleceram seu interesse pela psicologia da criança.

Conforme descreve Galvão, “[...] Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância

alternadamente afetiva e cognitiva``. (2008, p. 43) A pessoa, na teoria walloniana, evolui constantemente para uma gradual diferenciação.

Para Wallon (1975, p. 156)

A distinção do eu e do outro é percebida primeiramente em relação aos objetos, com a criança expressando-se na forma do meu e do teu. É em relação aos objetos que ela inicialmente fará a discriminação e lutará para obter sua posse. Este primeiro desejo de propriedade baseia-se num sentimento de competição. Trata-se de se apropriar do que é reconhecido como pertencendo aos outros (apud MAHONEY, et al. 2009, p. 41

De acordo com Galvão (2008), as emoções possuem particularidades que as diferenciam de outras manifestações da afetividade. São acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldade na digestão, secura na boca.

Pretende-se agora, a partir dos teóricos consultados, demonstrar que essas emoções da criança devem ser levadas em consideração para que assim possa passar com tranquilidade pelo período de adaptação na creche, enfatizando que o vínculo afetivo é o fator primordial nesse processo.

Conforme descreve Galvão, “[...] Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva” (2008, p. 43). A pessoa, na teoria walloniana, evolui constantemente para uma gradual diferenciação.

Para Wallon (1975, p. 156)

A distinção do eu e do outro é percebida primeiramente em relação aos objetos, com a criança expressando-se na forma do meu e do teu. É em relação aos objetos que ela inicialmente fará a discriminação e lutará para obter sua posse. Este primeiro desejo de propriedade baseia-se num sentimento de competição. Trata-se de se apropriar do que é reconhecido como pertencendo aos outros (apud MAHONEY, et al. 2009, p. 41

Seguem abaixo os cinco estágios de desenvolvimento defendidos por Wallon:

- **Impulsivo-emocional** (0 a 1 ano) resposta a seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, às quais intermediam sua relação com o mundo físico.
- **Sensório-motor e projetivo** (1 a 3 anos) predominam as relações cognitivas com o meio, inteligência prática e simbólica.

- **Personalismo** (3 a 6 anos) a construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definido o retorno da predominância das relações afetivas.
- **Categoria** (6 a 11 anos) progressos intelectuais encaminham o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e a conquista do mundo exterior, relações com o meio através do aspecto cognitivo.
- **Puberdade e Adolescência** (11 anos em diante) predomínio do caráter afetivo por conta de questões pessoais, morais e existenciais; modificações corporais decorrentes da ação hormonal.

De acordo com Dantas (1992)

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida. Neste momento a afetividade reduz-se e às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo. (apud LA TAILLE, 1992, p. 85).

Conforme Antunes (2005, p. 19) “[...] o mais importante na educação dos bons sentimentos é, pelo exemplo, mostrar à criança que é inútil pensar em bons sentimentos se estes pensamentos não nos levarem a uma ação”.

Assim, há uma imperdoável hipocrisia em sentir pena de uma pessoa ou de um animal, e mesmo podendo, não o ajudar. Não há valor algum na boa intenção se ela não se transformar em um gesto. Mas se por um lado, a ação é essencial para caracterizar o sentimento, por outro, ela não surge espontaneamente se não mostramos em todas as oportunidades possíveis o certo e o errado, o bom e o belo (ANTUNES, 2005, p. 19)

A emoção traz a capacidade de limitar a eficácia do funcionamento cognitivo; então a capacidade é retroativa. Mas a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação (DANTAS, 1992)

No bebê, os estados afetivos são, invariavelmente, vividos como sensações corporais, e expressos sob a forma de emoções. Com a aquisição da linguagem diversificam-se e ampliam-se os motivos dos estados afetivos, bem como os recursos para sua expressão. (GALVÃO, 2008, p. 62)

Pretende-se agora, a partir dos teóricos consultados, demonstrar que as emoções da criança devem ser levadas em consideração para que assim possa

passar com tranquilidade pelo período de adaptação na creche, enfatizando que o vínculo afetivo é o fator primordial nesse processo.

Identificou-se no primeiro capítulo, os autores interacionistas: Vygotsky e Wallon, ambos relacionaram o desenvolvimento humano de maneira evolutiva por processos de estágios.

Dessa forma compreende-se que a concepção interacionista traz uma abordagem das relações da criança com o mundo que a cerca, principalmente no que se refere ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Por isso destacamos em nosso tema “O vínculo afetivo na adaptação da criança à creche”.

2. O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NO COTIDIANO DA CRECHE

É importante seguir uma rotina durante a adaptação das crianças e bebês nos primeiros meses na creche. Inúmeros fatores requerem adaptações, como a conquista de uma maior autonomia, mudança de alguma professora ou a chegada de novos colegas.

Sendo assim a proposta é, que haja um equilíbrio conciliando a adaptação dos bebês e crianças aos novos tempos e espaços institucionais e, a adequação da escola às necessidades e aos novos desejos dos bebês em desenvolvimento.

O dever da creche, segundo Felipe (1998), vai muito além do cuidar e educar, o desafio primordial é que o ambiente colabore para a construção do desenvolvimento com atividades específicas para a criança e o bebê, proporcionando um ambiente novo e diferente de tudo o que eles estão acostumados, passando a conviver com pessoas até então desconhecidas, o que exige um importante processo para que tenham uma adaptação tranquila e acolhedora.

De acordo com Rapoport (2005), quando a criança vai para a creche, os momentos iniciais são imprescindíveis para a sua adaptação, para a tranquilidade da família e o sucesso dos que assumem seus cuidados nesse processo.

2.1. A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA

Normalmente, no âmbito familiar a criança convive com poucas pessoas e por esse motivo estabelece um vínculo afetivo maior com elas. Na sua casa, a criança explora espaços e objetos, observando e participando das atividades com os seus familiares.

É importante que o docente esteja atento quanto às características comportamentais da criança, às suas necessidades, ao modo como irá se relacionar com o novo ambiente e de que forma ocorrerá a interação entre ela e as demais crianças. Desse modo, é necessário que a creche tenha, no seu planejamento, todo o processo de adaptação e faça uso dele para que a criança se sinta acolhida nesse ambiente.

Vygotsky enfatiza que, o meio onde o indivíduo vive é um grande contribuinte para sua aprendizagem, e segundo sua teoria a fase de adaptação significa a entrada

da criança em um mundo diferente em que necessita da ajuda, interferência e proteção do adulto.

2.2. AS POSSÍVEIS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

O ambiente em que as crianças estão inseridas é resultado de inúmeros fatores gerados em relação aos sistemas naturais e socioculturais presentes em cada contexto. Por essa razão, este ambiente nunca será estático, mas sim dinâmico, trazendo um cenário que provoca uma série de aspectos que determinam as atividades a serem desenvolvidas nele.

Segundo Craidy e Kaercher (2001), cabe à creche proporcionar adaptação gradativa de acordo com a necessidade de cada criança, de modo que inicialmente permaneça apenas durante algumas horas, até que esteja totalmente adaptada ao novo ambiente e mantenha-se em tempo integral.

2.3. OS VÍNCULOS AFETIVOS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

A separação da criança com o ambiente familiar, embora momentâneo, é uma das principais variáveis que dificultam o processo de adaptação, uma vez que, essa separação provoca sensações de insegurança, medo e tristeza, decorrentes do rompimento dos laços afetivos entre a criança e seus familiares.

Silva e Costa (2006, p.45) consideram que: “O papel do adulto enquanto pessoa mais experiente é necessário nessa primeira fase de reconhecimento e exploração do ambiente pela qual a criança passa.”

Aos poucos, conforme vai interagindo com o ambiente em que vive e com outras pessoas, adultos ou crianças, ela vai percebendo que nesse mesmo espaço existe o outro. Esse outro pode disputar o mesmo brinquedo, o mesmo espaço e até o colo do adulto. (SILVA; COSTA, 2006, p.45)

Existem muitas razões pelas quais os pais escolhem a creche de seus filhos, uma das quais está relacionada às circunstâncias econômicas da família. A localização da escola também é um fator muito importante. Porque a tarefa de levá-los e buscá-los interfere em toda a rotina familiar. Outro fator muito valorizado pelos pais é o tratamento que os seus filhos receberão na instituição. A indicação de pessoas

que vivenciam a rotina da instituição diariamente transmite ainda mais credibilidade. A estrutura física, também é considerada pelos pais um critério relevante na hora da escolha desse novo ambiente para seus filhos.

As reações dos bebês, ao longo do processo de adaptação, podem ser múltiplas e depender de inúmeros aspectos. Auxiliar os pais e as educadoras nesse processo, requer uma reflexão acerca dos fatores envolvidos. Estudos nesse sentido podem favorecer a relação com as famílias, a organização de rotinas, a melhoria do espaço físico, o planejamento pedagógico e a formação de todos os profissionais que trabalham com os bebês e crianças nas instituições de Educação Infantil. (BLOOM-FESHBACH et al. 1980 apud RAPOPORT, 2005, p. 23).

De acordo com Miranda (2008), constatou-se em estudo de caráter teórico-bibliográfico, que as relações afetivas são muito importantes para o desenvolvimento e a construção do conhecimento do ser humano, pois por meio da afetividade a criança se desenvolve, aprende e constrói novos conhecimentos.

Nas dimensões afetivas da criança, para que haja um bom desenvolvimento, é essencial que ela receba do meio que a cerca toda a segurança, cuidado e afeto de acordo com suas necessidades para que assim possa se sentir amada e segura.

A afetividade só é estimulada por meio da vivência, na qual o profissional estabelece um vínculo de afeto com a criança, pois esta precisa de estabilidade emocional para se envolver com quem está à sua volta. Sentir o afeto como um conjunto de afetividade e interação, formando uma criança sociável, que busca novos caminhos, disposta e pronta para conhecer o novo ambiente, sendo assim, preparada para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas teóricas realizadas sobre o vínculo afetivo e o processo de adaptação pode-se perceber, que esse processo é um tanto doloroso, tanto para a criança como para o familiar, no entanto, é necessário para o desenvolvimento da criança como indivíduo.

Podemos considerar que um dos fatores que mais dificulta a adaptação da criança na creche, é a ausência da mãe, tendo em vista que se trata de um novo ambiente com pessoas desconhecidas para as crianças e com peculiaridades distintas. É nesse momento que o professor atua como protagonista no seu papel de mediador, oferecendo apoio e transmitindo segurança às crianças, a partir da parceria estabelecida com os pais.

O principal objetivo foi afirmar a importância do vínculo afetivo como fator primordial na adaptação da criança na creche, considerando que a afetividade deve estar presente em todas as relações pessoais e profissionais, especialmente nos primeiros anos de vida, pois é quando a criança começa a conhecer o meio que a cerca. A afetividade estimula a criança a interagir com o meio em que vive e a alcançar êxito no processo de adaptação, e essas relações afetivas são indispensáveis para o processo de crescimento como cidadão.

A adaptação é um período de aprendizagem onde escola, família e criança descobrem sobre o convívio, segurança, regras, ritmos e exploração de novos ambientes, visto que não há um modelo de adaptação para ser seguido, pois cada criança amadurece dentro de processos e tempos diferentes, levando em considerações suas características afetivas, emocionais e idade de cada criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto**: Como ensinar virtudes e transmitir valores. 4 ed. Campinas, SP: Editora Papirus. 2005.

BLOOM-FESHBACH, S.; GAUGHRAN, J. In: RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores. Porto Alegre: Mediação, 2005. 88 p.(Cadernos Educação Infantil, v.16)

BRASIL. **Referencial Curricular Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Subsecretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28/05/2023

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1996.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. 15 p.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

DANTAS, Heloiza in LA TAILLE, Yves de, **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FELIPE, Jane. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

FELIPE, Jane. In: CRAIDY, Carmem Maria. **O educador de todos os dias**: convivendo com crianças de 0 a 6 anos. Porto Alegre: Mediação, 1998, 80p. (Caderno de Educação Infantil; v. 5)

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 17 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

LA TAILLE, Yves de, **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de et al (org.). **Henti Wallon**. Psicologia Educação. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. in ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO, 8º, 2008, União da Vitória, **ANAIS...** União da Vitória. FAFIUV, 2008.

OLIVEIRA, M. K in LA TAILLE, Yves de, **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, M. K . **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: Fundamentos e métodos Docência em informação Educação Infantil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores. Porto Alegre: Mediação, 2005. 88 p. (Cadernos Educação Infantil, v.16)

SILVA, Alma Helena A.; COSTA, Eliane F. In: FERREIRA, Clotilde Maria Rossetti et al (org.) **Os Fazeres na Educação Infantil**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VYGOTSKY, L.S, **A Formação Social da Mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S, in OLIVEIRA, M.K, **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2009 (Coleção pensamento e ação na sala de aula)

WALLON, Henri in MAHONEY, Abigail Alvarenga et al. **Henri Wallon. Psicologia Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.